

Das representações sociais: ancoragens, terrenos, tensões

Nikos Kalampalikis

► **To cite this version:**

Nikos Kalampalikis. Das representações sociais: ancoragens, terrenos, tensões. Educação & Linguagem, 2012, 15 (25), pp.245-251. halshs-00804593

HAL Id: halshs-00804593

<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00804593>

Submitted on 10 Apr 2020

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Relato de pesquisa*

Das representações sociais: ancoragens, terrenos, tensões**

Nikos Kalampalikis (Université Lyon 2)

Este texto apresenta a síntese das minhas atividades de pesquisa desde 2001, com a obtenção do título de Doutorado em Psicologia Social na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHSS, Paris), incluindo a minha nomeação ao posto de Maître de Conférences na Université Lyon 2 há, aproximadamente, seis anos, atividade que exerço até o presente momento. Esses dois lugares institucionais marcam, cada um à sua maneira, a inscrição, a inspiração e a produção científica que venho desenvolvendo desde então. O denominador comum desse trabalho advém de certa visão de disciplina referente, sobretudo, às suas fontes teóricas e práticas, prospectivas e retrospectivas.

O estudo do conhecimento social, graças à abordagem das representações sociais, tem mobilizado o essencial de minhas atividades, tanto do ponto de vista conceitual como empírico. As três palavras deste subtítulo, “Ancoragem, terrenos, tensões”, resumem os eixos de orientação que compõem os conjuntos dos trabalhos que tenho realizado. Para além de sua evocação primeira, elas possuem certo potencial de compreensão reflexiva.

Assim, o primeiro eixo reagrupa as reflexões teóricas e metodológicas sobre as abordagens das representações sociais em que se tenta, cada vez mais, aprofundar as múltiplas pistas oferecidas por essa teoria que acaba de completar 50 anos de existência. Insisto, sobretudo, na necessidade de uma “retrospectiva introspectiva”, para utilizar a expressão de Merton (1993), visando visitar a corrente de ideias da psicologia coletiva (dito

* Publicado originalmente em *Bulletin de Psychologie*, 63(4), 289-292, 2010.

** Tradução de Lúcia Villas Bôas.

de outra forma, um terreno de ancoragem indispensável), de modo a compreender não apenas a intensidade de produções mentais sociais na vida coletiva, mas também certas proposições que se encontram, atualmente, em debate no nosso campo de estudo (JOVCHELOVITCH, 2007), seja em relação a outras disciplinas, seja em relação à ancoragem e à polifasia cognitiva. Quanto à ancoragem, elaborei uma hipótese com o objetivo de desmistificar os usos desse processo fundamental. Na ocasião, aprofundi a questão da denominação que suscitou meu interesse durante e após o doutorado (KALAMPALIKIS, 2007).

A ideia de partida, inspirada pela distinção entre pensamento estigmático e simbólico (MOSCOVICI, 1988, 2002), centra-se na experiência da estranheza, do universo cotidiano como elemento fundamental da participação no mundo e com os outros (BÉGOUT, 2005). Alfred Schütz (2003, p.38) partia do princípio de que “estranheza e a familiaridade não se limitavam ao campo social, mas representavam categorias gerais de nossa interpretação do mundo”. Tenho sustentado que a função da familiarização, tradicionalmente atribuída à ancoragem no âmbito de teoria das representações sociais, pode também funcionar ao contrário, transmitindo e garantindo o não familiar, assegurando que este assim permaneça de modo a instituir, portanto, o estranho (KALAMPALIKIS e HAAS, 2008). O estranho pode, assim, parecer “menos” estranho; sem dúvida, menos ameaçador e mais familiar, sem que, contudo, perca totalmente seu status inicial.

O segundo eixo reconstitui uma parte recente de minha trajetória de pesquisa, que inclui a participação ativa em projetos contratuais e aplicados. Nesse caso, duas orientações temáticas principais são desenvolvidas: a primeira refere-se às experiências e às relações cidadinas frente à justiça e ao direito, seja pela via da participação como jurados de um dado processo (KALAMPALIKIS e SCHARNITZKY, 2007) ou por meio de lógicas subjacentes ao recurso à justiça (FIEULAINÉ, KALAMPALIKIS e HAAS, 2009); a segunda centra-se nas relações identitárias de parentesco no âmbito das pré-criações medicamentosas assistidas, notadamente a técnica de doação do esperma (KALAMPALIKIS et al., 2009). Ambas as orientações são oriundas de estudos de

terrenos constituídos graças às parcerias institucionais regionais ou nacionais. Cada uma, à sua maneira, visa a populações sensíveis, analisando sua experiência vivida como produtora de sentidos em situações e contextos específicos e, sobretudo, por meio de sistemas de representações sociais disponíveis, que funcionam como fontes simbólicas e interpretativas.

Esses objetos se caracterizam por uma homogeneidade interna quanto ao seu modo de elaboração, mesmo se divergem quanto ao seu campo temático de inscrição. Essa diversidade, que pode parecer uma forma de dispersão, explica-se por certo gosto de investigação no qual fui formado e por uma visão de pesquisa necessariamente inscrita nos quadros coletivos que permitem e encorajam a interação. Desse ponto de vista, os trabalhos mencionados representam realizações coletivas, em meu laboratório de pertencimento atual (Université Lyon 2): matéria primeira de trocas e evolução de um coletivo, lugar de formação de estudantes pela e para a pesquisa. Fundamentalmente, esses trabalhos permitem aplicar, testar e, sem dúvida, enriquecer a abordagem teórica defendida ao longo desta síntese – dito de outra forma, permitem provar a força, a eficácia e a potencialidade da teoria das representações sociais. Em meus trabalhos, essa teoria é colocada em relação constante com teorias oriundas de outras ciências do social (por exemplo, antropologia do parentesco, sociologia do direito e da pobreza).

Uma observação de ordem teórica refere-se à complexidade de objetos que fazem intervir um sistema inteiro de representações (da família, da parentalidade, da filiação da in/justiça) em que os contornos são, de uma parte, frágeis e, de outra, coloridos por tomadas de posição conflituosas no espaço público, mas que o tornam propícios a um estudo do tipo representacional, justamente por serem objetos de debates públicos e em tensão, sempre exigindo do pesquisador uma atenção específica para as articulações entre o pensamento constituído e o constituinte (JODELET, 1984).

A estratégia de pesquisa desenvolvida é a seguinte: a partir de uma questão socialmente manifesta e mobilizadora para a esfera pública – propícia, portanto, à problematização psicossocial

cial –, elabora-se um trabalho colaborativo entre pesquisadores, construindo-se parcerias que permitem o acesso às populações estratégicas, frequentemente sensíveis. As especificidades dos terrenos e das populações e as facetas dos objetos de interesse de estudo ditam, então, todo o dispositivo metodológico desenvolvido (ABRIC, 2003) e que resta sensível às dificuldades inerentes à coleta de dados e aos ecos ligados às relações de políticas institucionais adaptando, quando preciso, suas técnicas e nossos postulados.

Assim, para além do simples relato escrito dos resultados de trabalho de pesquisa, o grupo do qual participo optou por uma devolutiva apoiada na forma de trocas de interação e de difusão dedicadas a um público mais amplo, condição sine qua non de tradução de uma linguagem, frequentemente petrificada pelo jargão acadêmico, para uma abordagem psicossocial do estudo do fenômeno em questão. Essa estratégia se inspira amplamente em um projeto teórico-metodológico de uma “psicologia social interpretativa” (FLICK, 2001) “que não se esconde das proximidades epistemológicas com a postura lewinienne de um circuito teórico-prático contínuo, dinâmico, evolutivo, servindo simultaneamente às necessidades da ação e às do conhecimento fundamental” (FAUCHEUX, 2001, p. 120). As perspectivas de pesquisa abertas se articulam, por vezes, às orientações temáticas apresentadas e perseguem um investimento de pesquisa no âmbito dos projetos europeus.

Por fim, o terceiro eixo reúne os trabalhos dedicados à história da Psicologia Social. Fruto de nossas experiências de formação e de trabalho coletivo, essa orientação visa, por um lado, escolher a história institucional de uma rede de pesquisadores e de uma corrente de ideias (BUSCHINI e KALAMPALIKIS, 2001; KALAMPALIKIS, 2003) e, de outro, analisar as construções narrativas da história da Psicologia Social por meio de seus manuais (PÉTARD, KALAMPALIKIS e DELOUVÉE, 2001; KALAMPALIKIS, DELOUVÉE e PÉTARD, 2006). Esse suporte tão particular de escrita serve de base para procurarmos identificar o lugar dedicado à história no interior da Psicologia Social, mas também identificar os lugares, os nomes

e as periodizações, ou seja, as convergências e as divergências das práticas coletivas da escrita dessa história. Para alguns, o retorno ao passado permite fugir das incertezas epistemológicas, institucionais e políticas que pesam cada vez mais sobre os quadros das ciências humanas e sociais: a “bibliometria” cega como único índice de produtividade, a luta por uma espécie de mensuração de “autocitação”, de práticas de avaliação que empobrecem e rebaixam a didática, de uma língua “unificada” como o único meio de comunicação senão da existência científica, ao menos de políticas institucionais concorrentes – eis aqui certos sintomas atuais que podem fazer desse retorno ao passado um verdadeiro refúgio.

Bem longe dessa atitude fugidia que consiste em idealizar o passado em detrimento do presente, debruçar-se sobre a história da Psicologia Social permite relativizar seus “únicos” ecos na atualidade, colocando-se em um quadro sociopolítico mais amplo e comparativo. Isso permite, igualmente, aguçar um censo reflexivo sobre si mesmo e sobre sua própria disciplina, sua utilidade e visibilidade sociais. Ademais, esse interesse de conexão do passado com o futuro permite que pesquisadores se relacionem e interajam, na dinâmica da produção do conhecimento científico, motivados por uma paixão partidária, partilhando de um engajamento comum.

É quase certo que a perspectiva adotada situa-se mais na continuidade das reflexões epistemológicas que fundaram esse campo do que em sua ruptura, ensaiando, em alguns momentos, o aprofundamento de seu repertório. Esta perspectiva baseia-se na convicção de que, para além das mistificações inúteis, é precisamente no interior do largo campo teórico, graças a uma releitura retrospectiva comparativa histórica, mas também atual, interdisciplinar e aberta, que melhor se chegará a escolher e aplicar as forças inovadoras dessa abordagem.

Essa orientação fecunda do conhecimento do sentido comum por parte da Psicologia Social pode avançar em direção ao futuro ao focar na negociação das tensões fronteiriças que a separam, mas que também a unem a outras disciplinas do social, levando a uma teorização de suas fronteiras, uma das condições

imprescindíveis, segundo Collins (1998), para que uma corrente intelectual se mantenha viva e próspera. Esse mesmo fio condutor, que combina a historicidade e a atualidade das ideias, as investigações das suas tensões mútuas (KHUN, 1990) e a discussão de sua pertinência à luz das necessidades do presente, preconiza um retorno à psicologia coletiva de modo a discutir os usos contemporâneos de noções, como a de ancoragem, no interior do campo.

É a abertura ofertada por essa abordagem que me autorizou a debruçar sobre os objetos de estudo sensíveis em fases de interrogações identitárias, políticas e cidadinas que se fundem nas sociedades. É a exigência de um uso reflexivo de nosso aparelho conceitual, nocional e empírico que prescreve seu estudo histórico no presente. É a convicção que o espaço europeu e, mais largamente o internacional, constitui uma força vital para o desenvolvimento da abordagem que tem incitado o investimento nas atividades de rede e do doutorado europeu.

Referências

ABRIC, Jean-Claude. **Méthodes d'étude des représentations sociales**. Paris: Érès, 2003.

BUSCHINI, Fabrice et KALAMPALIKIS, Nikos (org.). **Penser la vie, le social, la nature**: mélanges en l'honneur de Serge Moscovici. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'homme, 2001.

BÉGOUT, Bruce. **La découverte du quotidien**. Paris: Éditions Allia, 2005.

COLLINS, Randall. **The Sociology of Philosophies**: a global theory of intellectual change. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1998.

FAUCHEUX, Claude. Vers une Technologie du Soi. In: BUSCHINI, F. et KALAMPALIKIS, N. (org.). **Penser la vie, le social, la nature**: Mélanges en l'honneur de Serge Moscovici, 2001, p. 113-120.

FIEULAINÉ, Nicolas; KALAMPALIKIS, Nikos; HAAS, Valérie. **Usages du droit et représentations de la justice**. Le (non) recours au droit. Rapport de fin de recherche, Mission de Recherche «Droit & Justice» & GRePS Lyon 2, 2009.

FLICK, Uwe. Interpretive social psychology. In: BUSCHINI, F. et KALAMPALIKIS, N. (org.). **Penser la vie, le social, la nature**: Mélanges en l'honneur de Serge Moscovici, 2001, p. 201-235.

JODELET, Denise. Réflexions sur le traitement de la notion de représentation sociale en psychologie sociale. In: **Communication - Information**, 1984, 6 (2-3), p. 15-42.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Knowledge in Context: Representations, Community and Culture**. London, Routledge: 2007.

KALAMPALIKIS, Nikos. **Un laboratoire sans murs: le LEPS**. Journal des Psychogues, n° hors série sur «Serge Moscovici: le père de la théorie des représentations sociales. 16 contributions pour mieux comprendre», 2003, p. 50-54.

KALAMPALIKIS, Nikos. **Les Grecs et le mythe d'Alexandre: Étude psychosociale d'un conflit symbolique à propos de la Macédoine**. Paris: L'Harmattan, 2007.

KALAMPALIKIS, Nikos et SCHARNITZKY, Patrick. **Justice et Psychologie**. Bulletin de Psychologie, 2007, 60(5), p.387-388.

KALAMPALIKIS, Nikos; DELOUVÉE, Sylvain et PÉTARD, Jean-Pierre. **Historical spaces of social psychology**. History of the Human Sciences, 2006, 19(2), 23-43.

KALAMPALIKIS, Nikos et HAAS, Valérie. More than a theory: a new map of social thought. **Journal of the Theory of Social Behavior**, 2008, 38(4), 449-459.

KALAMPALIKIS, Nikos; HAAS, Valérie; FIEULAIN, Nicolas ; DOUMERGUE, Marjolaine, DESCHAMPS, Gaëlle; CHIRON, Hélène. **Enjeux éthiques et identitaires dans l'acte de procréation par don de sperme**. Rapport de fin de recherche. Fédération Française des Cecos, Agence de la Biomédecine & Région Rhône-Alpes, GREPS Lyon 2, 2009.

KUHN, Thomas. **La tension essentielle**. Tradition et changement dans les sciences. Paris: Galimard, 1990.

MERTON, Robert. **On the Shoulders of Giants: The Post-Italianate Edition**. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

MOSCOVICI, Serge. **La machine à faire des dieux**. Paris: Fayard, 1988.

MOSCOVICI, Serge. Pensé estigmatique et pensée symbolique, deux formes élémentaires de la pensée sociale. In : Garnier, C. **Les formes de la pensée sociale**. Paris: PUF, 2002, p. 21-53.

PÉTARD, Jean-Pierre; KALAMPALIKIS, Nikos et DELOUVÉE, Sylvain. **Les histoires de la psychologie sociale dans ses manuels**. Les Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale, 2001, 52, p. 59-80.

SCHÜLTZ, Alfred. **L'étranger**. Paris: Allia, 2003 (contenant les traductions de The Stranger: An Essay in Social Psychology. The American Journal of Sociology, 1944, 49(6), p. 499-507 et The Home comer. The American Journal of Sociology, 1945, 50(5), p. 369-376).